

EDITAL EDUCAÇÃO EM DIREITOS HUMANOS & DIVERSIDADES n° XX/2017

Anexo I – Roteiro Básico do Projeto

1. TÍTULO DO PROJETO			
ELABORAÇÃO DE MATERIAIS DIDÁTICOS E ESTRATÉGIAS PEDAGÓGICAS: Refletindo a Prática Docente para a Diversidade			
2. INSTITUIÇÃO			
2.1 Nome da instituição	Universidade Federal do Rio de Janeiro		
2.2 Sigla	UFRJ		
2.3 Endereço	Avenida Pasteur, 250. Fundos		
2.4 PPG da Instituição vinculado ao Projeto	Programa de Pós-Graduação em Políticas Públicas em Direitos Humanos (PPDH)		
2.5 Código do PPG	31001017160P5	Nota (Mestrado)	CAPES 3
		Nota (Doutorado)	
3. COORDENADOR			
3.1 Nome completo	Sergio Luiz Baptista da Silva		
3.2 CPF	049.098.198.43		
3.3 Titulação	Doutor		
3.4 Cargo	Professor Adjunto IV		
3.5 Link do currículo Lattes	http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.do?id=K4753986H9		
3.6 Endereço profissional	Avenida Pasteur, 250. Fundos		
3.7 Telefone fixo	(21) 22247411		
3.8 Celular	(21) 971709246		
3.9 E-mail	serggioluiz@uol.com.br		
7. ÁREAS TEMÁTICAS E LINHAS DE PESQUISA EM QUE SE ENQUADRA O PROJETO			
<ul style="list-style-type: none"> Diversidades & Gênero; e Diversidades & Sexualidade. 			
8. DETALHAMENTO DO PROJETO			
I. Resumo			

O referido projeto de pesquisa tem por objetivo mostrar e analisar o processo de elaboração e uso de materiais e estratégias didáticas para a Diversidade de Gênero e de Sexualidade na Educação Básica. A pesquisa será realizada por um grupo formado por dois segmentos diferentes e complementares. De um lado, será composta por pesquisadoras/es de instâncias diferentes: universidade e movimentos sociais e, do outro lado, por professoras/es da rede pública e alunas/os de cursos Normais e de licenciaturas diversas. A metodologia empregada será da Pesquisa-ação (TRIPP, 2005; THIOLENT, 1986; GIL, 2006), pois as ações realizadas pelo grupo: estudos, palestras, discussões, rodas de conversa, elaboração de materiais didáticos, estratégias pedagógicas, serão o objeto da pesquisa para análise e formulação de conhecimentos sobre o tema – Gênero e Sexualidade na Educação Básica. Apostamos que esta pesquisa trará aportes significativos para pensarmos a construção do currículo na Educação Básica e, paralelamente, a formação docente. Tomaremos como referencial teórico de apoio às contribuições dos estudos feministas, pós-estruturalistas, pós-modernos e culturais em torno do tema central da pesquisa (BUTLER, 1997; HALL, HOOKS, BAUMAN, BOURDIEU, 2002; FOUCAULT, 1999) e também no campo de políticas públicas e direitos Humanos (HUNT, 2009; HERRERAS, 2009; SARAIVA, 2006). Proporemos ampla divulgação dos resultados parciais e finais da pesquisa, com apresentação em congressos, seminários e colóquios nacionais e internacionais; publicação de artigos, capítulos de livros (livro da equipe previsto no final do projeto) e elaboração de cartilhas e manuais para uso e reflexão por parte dos professoras/es da rede pública de ensino.

Palavras-chaves: Material Didático; Estratégias Didáticas; Diversidade de Gênero; Sexualidade; e Educação Básica.

II. Contextualização teórica do tema e justificativa

Fundamentação Teórica

A fundamentação teórica de nosso projeto refere-se a um conjunto polissêmico de categorias de análise em relação às quais é preciso tecer algumas considerações. A categoria de gênero, de fundamental importância à intervenção que estamos propondo, relaciona-se diretamente à história do movimento feminista.

O feminismo, como movimento social organizado, é usualmente remetido às revoluções burguesas dos séculos XVIII e XIX, mais especificamente, à Revolução Francesa, que instituiu a Ordem Burguesa no Ocidente, excluindo as mulheres da esfera pública. Em decorrência de tal processo, na virada do século XIX para o XX, eclode, em diversos países ocidentais, a chamada “primeira onda” do movimento feminista, que tem na reivindicação de direitos políticos para as mulheres, sua principal bandeira.

Na medida em que tais direitos foram sendo reconhecidos, o movimento arrefeceu, voltando a ressurgir no final dos anos de 1960. Nessa “segunda onda” dos feminismos ocidentais, a principal reivindicação estará na politização do espaço privado a partir do lema de que “o pessoal é político”. É nesse segundo momento que a categoria de gênero será engendrada.

São as feministas anglo-saxãs que passam a utilizar a categoria de gênero em substituição à categoria de sexo, tendo em vista combater o determinismo biológico implícito a esse termo e as expressões tais como “diferenças sexuais”. A categoria teórica constitui-se então, simultaneamente, como ferramenta analítica e política (SCOTT, 1995, apud, LOURO, 2003, p. 21). Não se pretende, contudo, negar que os gêneros se constituam a partir de corpos sexuados, isto é, não se negava o que então se supunha como sendo “a biologia”, mas se acentuava deliberadamente, o caráter de construção cultural, social e histórica acerca das características supostas como biológicas.

O uso da categoria passa a exigir que se pense de modo plural, sublinhando-se que os projetos e as

representações sobre as mulheres e os homens variam, não apenas de uma cultura para outra, mas de uma sociedade para outra, diferenciando-se também no interior de uma mesma sociedade conforme os diversos grupos (étnico-raciais, de classe, geração) que a constituem.

O caráter fundamentalmente cultural, social, histórico e relacional dos gêneros, não deve, entretanto, permitir que os tomemos como uma referência à construção e ao desempenho de papéis femininos e masculinos. Tal percepção invisibilizaria as múltiplas formas as quais podem assumir as feminilidades e as masculinidades, dificultando também a apreensão das complexas redes de poder que através das instituições constituem hierarquias entre os gêneros.

Nossa perspectiva é, portanto, a de compreender os gêneros como constituintes da identidade dos sujeitos. Percebemos os sujeitos como tendo identidades plurais, múltiplas –identidades que se modificam, não são fixas –, ou permanentes, podem, inclusive, ser contraditórias. Dessa forma, o sentido de pertencimento a grupos diversos – étnico-raciais, de classe, de gênero e etc.–, constitui o sujeito e pode levá-lo a perceber-se como sendo “empurrado em diferentes direções” (HALL, 1992, p.4, apud LOURO, 1997, p.25). Nesse sentido, admite-se que as diferentes instituições e práticas sociais são constituídas pelos gêneros e, simultaneamente, os constituem.

Importa distinguirmos gênero de sexualidade e identidades de gênero de identidades sexuais. Conforme Louro (1997), observamos que os sujeitos podem exercer sua sexualidade de formas diferenciadas, podem viver seus desejos e prazeres corporais de modos diversos.

Suas identidades sexuais se constituíam assim, através das formas pelas quais vivenciam sua sexualidade, com parceiras/os do mesmo sexo, do sexo oposto, de ambos os sexos, ou sem parceiros. Por outro lado, os sujeitos também se identificam cultural, social e historicamente, como femininos ou masculinos, construindo, dessa forma, suas identidades de gênero (LOURO, 1997, p.26).

Evidentemente, essas identidades sexuais e de gênero estão intrinsecamente relacionadas, sem contudo, se confundirem. Torna-se, entretanto, necessário salientar, que tanto na dinâmica do gênero quanto na dinâmica da sexualidade, as identidades são sempre construídas e essas construções são sempre transitórias, transformando-se não apenas ao longo do tempo, mas também em articulação com as histórias pessoais e múltiplas identidades dos sujeitos.

Outro aspecto relevante a considerar na forma como concebemos gênero e identidades de gênero diz respeito à necessária desconstrução da oposição binária entre o masculino e o feminino. Usualmente se concebem homem e mulher como polos opostos que se relacionam no interior de uma lógica invariável de dominação-submissão. Na lógica das dicotomias, os dois polos se diferenciam e se opõem e, cada um, é uno e idêntico a si mesmo. A dicotomia também aponta para a superioridade do primeiro elemento.

A proposta de desconstrução dessas dicotomias, problematizando a constituição de cada polo, demonstra que cada um supõe e contém o outro e que nenhum dos dois é uno, sendo ambos internamente, fraturados. Dessa forma, o masculino contém o feminino, de forma desviada, postergada, reprimida e vice-versa, e tanto o masculino quanto o feminino são internamente fragmentados; já que existem variadas formas de ser

homem e de ser mulher, conforme os diversos pertencimentos dos sujeitos e mulheres, por exemplo, podem ou não, ser solidárias entre si em função de seu pertencimento étnico-racial, de classe, ou orientação sexual. A perspectiva da desconstrução sugere, assim, que se elucidem os processos e as condições que estabeleceram os termos da polaridade entre o masculino e o feminino, bem como a hierarquia nela implícita.

Tecidas tais considerações acerca das categorias de sexo e de gênero e dos processos de construção de identidades sexuais e de gênero dos sujeitos, caberia, ainda indagarmos: qual é o papel da instituição escolar no processo de desconstrução do binarismo: masculino e feminino?

De acordo com Louro (2003), desde os primórdios de sua fundação, a instituição escolar produziu diferenças, distinções e desigualdades. Desde que surgiu, na modernidade europeia, a escola exerceu uma ação distintiva, separando os sujeitos que nela ingressavam, daqueles que não tinham com acessá-la. Além disso, internamente, também dividiu seu público mediante múltiplos mecanismos de classificação, ordenamento e hierarquização. Com base nessas informações questionamos: como se produziram e se produzem tais diferenças e que efeitos elas teriam sobre os sujeitos?

A escola estabelece espaços, marca e distingue territórios masculinos e femininos. Mediante símbolos e códigos, ela informa o que cada um pode (ou não pode) fazer, separa e institui. Indica os lugares dos pequenos e dos grandes, dos meninos e das meninas. Através de seus quadros, crucifixos, santas ou esculturas, identifica aqueles que deverão ser considerados como modelos e permite que os sujeitos se reconheçam (ou não) nesses modelos.

Gestos, movimentos, sentidos são assim produzidos no espaço escolar e apreendidos pelas/os alunas/os, os quais tornam-se partes de seus corpos. Não consideramos, todavia, os sujeitos como passivos receptores de imposições externas, concebemos que eles se envolvam e sejam envolvidos de forma ativa nessas aprendizagens, reagindo, respondendo, recusando, ou as assimilando integralmente.

Nessa perspectiva, interdições, metodologias de ensino, teorias, a linguagem utilizada na sala de aula, ou fora dela, materiais didáticos, processos de avaliação, simultaneamente, são constituídos e instituem as diferenças de classe, raça-etnia, gênero e orientação sexual no espaço escolar.

Louro (1997, p.65) argumenta que a linguagem é de forma segura, o campo mais eficaz e persistente de produção e reprodução dessas diferenciações na escola e nada exemplificaria tão bem tal fato quanto o ocultamento dos/as homossexuais. Para a autora, a negação dos/as homossexuais no espaço legitimado da sala de aula, acabaria por confiná-los às “gozações” e aos insultos dos recreios, fazendo com que, jovens gays e lésbicas só possam se reconhecer como desviantes, indesejados, ou ridículos (LOURO, 1997, p.68). Vale acrescentar que professoras/es e funcionárias/os, homossexuais, transgêneros e interssexuais, também são alvos frequentes de discriminação com base na identidade de gênero e orientação sexual, no espaço escolar.

Importa, contudo, sublinhar que, embora presente em todos os dispositivos de escolarização a preocupação com a sexualidade não é comumente apresentada de forma aberta pela escola. Cabe também acrescentar que a presença da sexualidade no âmbito dela, independe da intenção manifestada ou dos discursos

explícitos, da existência ou não de uma disciplina de “educação sexual”, da inclusão ou não desses assuntos nos regimentos escolares. A sexualidade encontra-se na escola, porque ela é parte constitutiva dos sujeitos, não sendo algo que se possa desligar ou excluir de alguém.

Se admitimos, portanto, que a escola não apenas transmite conhecimento, nem mesmo, apenas os produz, mas que ela também fabrica os sujeitos, produz suas identidades étnico-raciais de classe e gênero; se reconhecemos que tais identidades estão sendo produzidas mediante a reprodução de relações de desigualdade; se admitimos que a escola está comprometida com a perpetuação de uma sociedade dividida e hierarquizada em classes sociais e que atualiza esse compromisso cotidianamente, com ou sem a nossa participação; se acreditamos que a prática escolar é historicamente contingente e que é uma prática política, ou seja, que se transforma e pode ser subvertida; e, por fim, se não estamos de acordo com tais distinções e desigualdades, encontramos então, justificativas, não apenas para observar; mas, sobretudo, para tentar interferir na produção e reprodução dessas diferenciações. É nessa perspectiva que estamos propondo uma intervenção junto aos adolescentes e aos jovens regularmente matriculados em escolas da rede estadual, onde a partir de metodologias participativas e da tecnologia da educação, entre pares, visa problematizar essas diferenças e combater as desigualdades e discriminações nesse ambiente escolar.

Justificativa

O debate sobre as questões de gênero e sexualidade tem tomado conta dos noticiários, das manchetes, das redes sociais, das novelas e de programas de televisão em uma proporção considerável. Sem dúvida, é um tema recorrente nas rodas de conversas e no senso comum. Diante disso, vários dados importantes sobre esse campo começam a ter uma divulgação mais abrangente. A ampliação das representações de gênero, do exercício das diversas sexualidades, da discussão sobre direitos reprodutivos e sexuais, entre outros temas tornam-se parte da agenda necessária na formação dos cidadãos no Brasil e no mundo.

Um dos indicadores substanciais tem sido os dados divulgados sobre a violência com recorte de gênero e sexualidade, que vêm alcançando números alarmantes. Segundo a Associação Internacional de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Pessoas Trans e Intersexuais – ILGA – a cada vinte e cinco horas um crime de ódio é cometido contra um cidadão brasileiro LGBT (ILGA, 2013). De acordo com o Atlas da Violência 2017, elaborado pelo IPEA (IPEA, 2017), em média, 13 mulheres são mortas por dia no País por crimes de ódio, antes amenizados na forma de crimes passionais. A misoginia, a lesbofobia, a homofobia, a transfobia e tantas outras manifestações concretizadas em crimes de ódios motivadas pelas expressões de gêneros e sexualidades, precisam ser combatidas em curto prazo na forma da lei, contudo o caráter educativo se torna necessários para transformar esses números em médio e longo prazos.

Considerando que a UNESCO orienta que dois dos quatro pilares da educação sejam: aprender a ser e aprender a conviver (DELORS, 2003), torna-se urgente que esse debate participe das discussões as quais permeiam a formação dos sujeitos; sejam na modalidade informal – instituições familiares, religiosas, sociais – sejam na modalidade formal – a escola.

E como a escola vem abordando formalmente esses temas em seus currículos? Historicamente, as discussões das áreas de gênero e de sexualidade permaneciam contempladas nos currículos do chamado Ensino Fundamental, até o início dos anos de 1990, nos campos da biologia adquirindo um caráter propedêutico e técnico. Com o lançamento dos Parâmetros Curriculares Nacionais, em 1998, são cunhados os temas transversais ao currículo e um deles foi denominado **orientação sexual** que ao lado de ética, meio ambiente, saúde, pluralidade cultural e trabalho deveriam ser transversais em todas as áreas de ensino por se tratarem de conceitos formadores de conhecimento.

Em linhas gerais, embora tenha havido um avanço considerável no tratamento desse tema, as indicações pedagógicas encaminhavam alguns eixos básicos de discussão: o corpo como matriz da sexualidade; relações de gênero preponderantemente binárias; e prevenções das doenças sexualmente transmissíveis (BRASIL, 1997). O campo do gênero e da sexualidade transborda, então, das ciências naturais e passa a preencher, ao menos teoricamente, todas as áreas de estudo na segunda etapa do Ensino Fundamental em diante. Vale ressaltar que a legislação do período considerava o Ensino Fundamental entre 7 e 14 anos, organizado em duas etapas: Ensino Fundamental I (séries iniciais) e Ensino Fundamental II (séries finais). Tais orientações, no entanto, destinavam-se apenas ao Ensino Fundamental II em diante. Sendo assim, as modalidades de Educação Infantil e Ensino Fundamental I estavam à margem dessa discussão.

No início dos anos 2000, com o estabelecimento da Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão – SECADI – alguns projetos, como o Gênero e Diversidade na Escola passaram a aprofundar essa discussão nos currículos e a incluir os anos iniciais no debate. Ao longo do País, o MEC em parceria com as universidades públicas ofereceu uma série de cursos de extensão sobre o tema. A Educação Infantil ainda não havia sido diretamente contemplada no debate, mas o ingresso das reflexões para professores das séries iniciais foi bastante comemorado pelo corpo docente das escolas envolvidas em quase todo território brasileiro.

Mesmo não tendo atingido a totalidade dos municípios brasileiros, muitas experiências foram disparadoras de importantes discussões no chão da escola sobre currículo e práticas educativas no campo do gênero e da sexualidade. Um desses exemplos bem-sucedidos é o Projeto Diversidade Sexual na Escola, que foi realizado entre 2004 e 2016 na UFRJ (DIVERSIDADE SEXUAL NA ESCOLA, 2016), atendendo profissionais da Educação Básica de diversos municípios do Estado do Rio de Janeiro na modalidade de oficinas nas escolas e curso de extensão na universidade. A maioria desses projetos, no entanto, foi descontinuada no Brasil.

Entre 2010 e 2011, a SECADI produziu um rico material audiovisual, assim como cartilhas para serem utilizados como instrumento motivador de debates sobre as questões de gênero e sexualidade na escola, sobretudo nas séries finais do Ensino Fundamental II e no Ensino Médio. Contudo, esse material foi duramente combatido por alguns setores da sociedade e da política nacional, recebendo inclusive o rótulo de “kit gay”. Diante da discussão envolvendo a opinião pública, inclusive, esse material acabou sendo vetado.

Entretanto, a necessidade de se criar um caminho para a abordagem desse tema, continua presente nas salas de aula e na realidade de crianças e jovens brasileiras. Professoras/es e educadoras/es em geral se ressentem

de não ter acesso a materiais disparadores dessas discussões de modo a garantir à equidade de abordagens.

Buscando contribuir para a continuidade dessa construção coletiva entre universidade, docentes da rede básica de ensino público e a SECADI, o presente projeto contribui não apenas na dimensão da formação para docentes e estudantes das áreas de educação, como também na construção de materiais didáticos significativos *para e com* os envolvidos nesse processo de formação com alunos da Educação Básica, a partir da Educação Infantil até as Séries Finais.

A integração de profissionais que atendam a Educação Infantil, Ensino Fundamental I e II, Ensino Médio, a horizontalidade da pesquisa e da construção dos produtos são o diferencial deste projeto. O saber acadêmico e o saber construído nas práticas pedagógicas constituirão uma relação entre teoria e prática, inédita na concepção de materiais e estratégias pedagógicas nesse campo de conhecimento. Nesse sentido, o projeto gera uma certa legitimidade ancorada em produções científicas e na demanda oriunda das realidades escolares cotidianas. Assim, o trânsito do material ganha uma mobilidade maior tanto no meio acadêmico quanto no chão da escola.

Mas, por que iniciar essa discussão desde a tenra idade? Nesse ponto, Foucault nos auxilia na reflexão: “O espaço da sala, a forma das mesas, o arranjo dos pátios de recreio, a distribuição dos dormitórios, os regulamentos elaborados para a vigilância do recolhimento e do sono, tudo fala silenciosamente da maneira mais prolixa da sexualidade das crianças” (FOUCAULT, 1999, p.140).

E isso ocorre na instituição escolar desde que a criança passa a participar desse espaço de convivência. Ao estabelecermos filas orientadas pelo gênero, ao fiscalizarmos e inibirmos a descoberta dos corpos, ao separarmos as crianças por gênero da hora do banho e/ou do soninho, ao conduzirmos brincadeiras estimulando umas em detrimento de outras, de acordo com o gênero, ao orientarmos o comportamento baseado nos gêneros, estamos construindo cotidianamente conceitos sobre gênero e sexualidade. E mais, estamos educando em determinada direção para a diversidade. Resta-nos saber em que campo essas orientações estão sendo construídas. Será que os profissionais atentam para que tipos de modelos são reproduzidos nessas ações recorrentes? E, em que medida, esse tipo de diversidade apresentada ratifica ou retifica comportamentos, os quais geram os índices de violência que foram apresentados aqui anteriormente? O currículo que não está expresso nos planejamentos, mas que inunda o cotidiano de estudantes e professores tem suas bases discutidas, questionadas?

Refletir em parceria com profissionais da Educação Básica e estudantes durante essa pesquisa-ação será fundamental para agregarmos conhecimento ao Laboratório de Pesquisa em Movimentos Sociais, Desigualdades e Diversidade de Corpo, Raça e Gênero. Os encontros presenciais terão como objetivo possibilitar à reflexão sobre as práticas docentes desenvolvidas nessa área e coletar dados para a construção coletiva de material didático significativo para as modalidades atendidas. O retorno dos profissionais e estudantes às suas salas de aula será campo importante para a avaliação dos produtos a serem desenvolvidos.

O material didático produzido pelos pesquisadores dos dois grupos já apresentados será um produto que poderá ser utilizado por vários profissionais da área que muitas vezes tem interesse pelo o tema, mas não tem segurança para iniciar o debate. As reflexões propiciadas pelos encontros presenciais serão uma fonte rica para as

pesquisas a serem desenvolvidas pelos participantes nos programas de pós-graduação da universidade, pelos profissionais de educação e pela comunidade científica em geral.

A pesquisa aqui desenvolvida tem um potencial de abrangência de proporções geométricas a partir da horizontalidade da proposta e a gama de produtos e estratégias que podem vir a ser construídas.

III. Objetivos científicos do projeto

Objetivo Geral:

- Mostrar e analisar o processo de elaboração e uso de materiais e estratégias didáticas para a Diversidade de Gênero e de Sexualidade na Educação Básica.

Objetivos Específicos:

- Ler, estudar e discutir textos ligados à área temática, pensando na formação das/os professoras/es que farão parte da equipe;
- Elaborar materiais didáticos e estratégias pedagógicas por áreas de conhecimento e, quando possível, verificar e analisar o seu uso em sala de aula;
- Realizar estratégias pedagógicas sobre o uso dos materiais didáticos elaborados pela equipe; e
- Mostrar resultados parciais e/ou finais da Pesquisa em Eventos Científicos, nas Secretarias Municipais e Estadual de Educação do Rio de Janeiro, bem como em periódicos, revistas científicas e anais.

IV. Metodologia

O presente projeto pretende envolver profissionais da área de Educação Básica, estudantes de licenciaturas e estudantes de educação em nível médio na construção de materiais didáticos e estratégias pedagógicas que garantam a abordagem significativa da diversidade em seus currículos. A atuação principal ocorrerá nos campos do gênero e da sexualidade, tangenciando interdisciplinarmente as áreas de linguagem, das ciências humanas e das ciências da natureza.

O processo de pesquisa perpassará o caminho da discussão e do estudo das especificidades de cada área contemplada e as proposições de elaboração de material didático referente às disciplinas pertencentes à área. Pretendemos abrir pontos de discussões nas reuniões gerais dos participantes da pesquisa para o compartilhamento das experiências de cada área, visando o aprofundamento de conhecimentos em torno do tema global da pesquisa, como dito anteriormente, campos do Gênero e Sexualidade, por meio de aulas expositivas, estudos dirigidos, palestras, rodas de conversa, debates, etc. Importante salientar que a pesquisa será desenvolvida dentro de uma perspectiva interseccional; a diversidade no campo do Gênero e da Sexualidade demandará seguramente um olhar sobre outras desigualdades que compõem o quadro social destacado: raça, classe, geração, religião.

Conforme discutido, por se tratar de uma pesquisa-ação, perseguimos resultados produtos do diálogo horizontal entre pesquisadoras do grupo A, oriundas/os da Academia/Movimentos Sociais e de pesquisadores do grupo B, oriundas/os do universo da Escola de Educação Básica.

A metodologia adotada busca fornecer os instrumentos necessários para a realização de uma pesquisa qualitativa, fazendo uso da pesquisa-ação para a construção dos materiais escolares.

Metodologia significa etimologicamente, o estudo dos caminhos, dos instrumentos usados para se fazer ciência (SEVERINO, 2007). Esse tipo de pesquisa é um grande desafio, porque vários fatores devem ser levados em consideração, tanto objetivos quanto subjetivos – o modo como o pesquisador interpreta os dados é de grande importância para a pesquisa e também pelo fato de que a avaliação qualitativa ocorre em uma realidade dialética (GIL, 2008).

Segundo Marconi e Lakatos (1996), pesquisa implica na obtenção, organização e sistematização de informações fragmentadas e sua finalidade pode ser descrita como sendo a descoberta de respostas para questões por meio da aplicação de métodos científicos. Para Almeida et al (2005), a produção de informações científicas e a comunicação dessa produção faz parte de um sistema complexo e cujo funcionamento é essencial para o da pesquisa científica.

Gil (2008, p. 26) define “pesquisa como o processo formal e sistemático de desenvolvimento do método científico. O objetivo fundamental da pesquisa é descobrir respostas para problemas mediante o emprego de procedimentos científicos”.

Schaff (1995) questiona até que ponto o sujeito influencia no processo final de produção de conhecimento? Em nova discussão, o autor adota o conceito de conhecimento como “interação específica do sujeito que conhece e do objeto do conhecimento tendo como resultado os produtos mentais a que chamamos o conhecimento” (SCHAFF, 1999, p.11). Nesse ponto, é necessário refletir sobre o conceito de verdade, cuja relatividade depende de relações sociais, as quais são subjetivas. Porém, na pesquisa científica, ela tem que ser meta de conhecimento, isto é, ser uma verdade absoluta como processo de acúmulo de verdades relativas, que dependem impreterivelmente do seu local e tempo histórico.

Para compreender como a ciência pode não ser partidária na produção das verdades e cuidadosa na produção de um saber comprometido, em contraponto, Bourdieu (2002), questiona: qual a postura do investigador social frente as descobertas de suas pesquisas? O sociólogo descreve que a função do investigador é a invenção coletiva das estruturas coletivas de invenção, e que a partir disso nasceria um novo movimento social: novos conteúdos, novos objetivos e novos meios internacionais de ação. Para ele, é função do investigador: não dar lições, nem ensinar ninguém a pensar ou fazer profecias – mas inventar um novo papel –, o de quem escuta, investiga e inventa e ajuda organizações as quais assumam a missão de resistir à política neoliberal. Vai além, para ele o pesquisador deve favorecer o aparecimento de condições organizacionais para produção coletiva da intenção de inventar um projeto político ou mesmo favorecer as condições para o sucesso de uma invenção de um projeto político.

Nesse sentido, a presença de pesquisadores implicados com o tema em questão é de fundamental importância para os objetivos a serem alcançados neste projeto, e a utilização da pesquisa-ação emerge como o caminho mais adequado para tal fim. Logo, uma pesquisa-ação exige “ação por parte das pessoas ou grupos

implicados no problema sob observação. Além disso, é preciso que a ação seja uma ação não-trivial, o que quer dizer uma ação problemática merecendo investigação para ser elaborada e conduzida (THIOLLENT, 1986, p.15).

Tripp (2005) nos chama atenção ainda pela especificidade da pesquisa-ação no campo acadêmico. Trata-se de “investigação-ação”, com técnicas investigativas científicas, mas com o intuito de melhorar uma prática:

[...] eu acrescentaria que as técnicas de pesquisa devem atender aos critérios comuns a outros tipos de pesquisa acadêmica (isto é, enfrentar a revisão pelos pares quanto a procedimentos, significância, originalidade, validade etc.). Isso posto, embora a pesquisa-ação tenda a ser pragmática, ela se distingue claramente da prática e, embora seja pesquisa, também se distingue claramente da pesquisa científica tradicional, principalmente porque a pesquisa-ação ao mesmo tempo altera o que está sendo pesquisado e é limitada pelo contexto e pela ética da prática (TRIP, 2005, p.447).

Gil (2002) reflete que a pesquisa-ação exige o envolvimento ativo do pesquisador e a ação por parte das pessoas ou grupos envolvidos no problema; e defende que tal modalidade de pesquisa é reconhecida como muito útil por pesquisadores identificados por ideologias que buscam reformas nos temas aos quais se debruçam e partilham de um entendimento da função participativa da pesquisa.

Thiollent (1986) define a pesquisa-ação como:

[...] um tipo de pesquisa com base empírica que é concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou com a resolução de um problema coletivo e no qual os pesquisadores e participantes representativos da situação ou do problema estão envolvidos de modo cooperativo ou participativo (THIOLLENT, 1986).

A pesquisa-ação, portanto, norteia este projeto de pesquisa, o qual espera através dessas ações atingir os objetivos aqui propostos durante e após o desenvolvimento de materiais didáticos e estratégias pedagógicas com os pesquisadores, os docentes e os discentes envolvidos, com a finalidade de contribuímos para uma educação a longo prazo, que ensine a respeitar a diversidade de gênero e de sexualidade na sociedade brasileira.

V. Principais publicações anteriores da equipe relacionadas ao tema do estudo.

Produções da Equipe:

BRAGA, A. W. V.; SOUZA, J. S. A Teoria Behaviorista de Skinner: análise acerca de suas implicações na educação do Ceará. In: I ENCONTRO NACIONAL DE EDUCAÇÃO. **ANAIIS CONEDU 2014**. REALIZE EDITORA, 2014. v.01. p.1 - 10. CAMPINA GRANDE - PB.

BRAGA, A. W. V.; ABREU, L. D. P.; ANDRADE, F. J. F. Jovens e Escolha Profissional no Contexto das Transformações do Mundo do Trabalho. In: SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO, TRABALHO E IDENTIDADE. **Anais - V SITRE**. : EDITORA CEFET-MG, 2014. v.5. p.120 - 140. BELO HORIZONTE - MG. 2014.

BRAGA, A. W. V.; SILVA, MARIA REJANE GOMES DA. A Educação Superior Pública Brasileira Frente as Políticas Neoliberais. In: 33º ENCONTRO NACIONAL DE ESTUDANTES DE PEDAGOGIA - ENEPE. **ANAI 33 ENEPE**. UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ - UFPA, 2013. v.01. p.1 - 15. , BELÉM- PA. 2013.

BRAGA, A. W. V.; ALMEIDA, E. C. B.; PAIVA, M. R. F. I.; FEIJÃO. JOSE REGINALDO PARENTE; BRANDAO, I. R.13 Vivências e Atuações em Mundo Comunitário de uma Escola da Rede Pública de Sobral (Ce). In: **I ENCONTRO DE PROGRAMAS EDUCAÇÃO TUTORIAL DA UVA**, 2015, SOBRAL - CE.

BRAGA, A. W. V.; LOPES, A. B.; SOUSA, F. W. H.; FEIJÃO. JOSE REGINALDO PARENTE. Caminhos na Construção da Cidadania na Escola: Experiências de Bolsistas do Pet Pedagogia da Uva na Escola Ministro Jarbas Passarinho, Sobral, Ceará. In: **XVII ENCONTRO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DA UNIVERSIDADE ESTADUAL VALE DO ACARAÚ**, 2015, SOBRAL.

BRAGA, A. W. V. PARENTE, PAULINA MARIA MENDES. **Multiculturalismo: Análise Acerca da Diversidade Cultural na Escola. Sobral**, CE. 2013.

COSTA, Andréa Lopes da et al. Para além da inclusão: Promoção, valorização e elaboração de narrativas acerca da identidade como Ação Afirmativa. In: Amílcar Araújo Pereira; Warley da Costa. (Org.). **Educação e Diversidade em Diferentes Contextos**. 01ed.São Paulo: Pallas, 2015, v. , p. 01-10.

COSTA, Andréa Lopes da, VIEIRA, Andréa Lopes da Costa. Raça, Corpo e Corporeidade (Trabalho aguardando publicação). In: José Jairo Vieira. (Org.). **Corpo e a Corporeidade: temas contemporâneos**. 1ed.Rio de Janeiro: Rio de Janeiro, 2015, v. , p. 20-40.

COSTA, Andréa Lopes da, VIEIRA, Andréa Lopes da Costa. Gênero, Corpo e Corporeidade (Trabalho aguardando publicação). In: José Jairo Vieira. (Org.). **Corpo e a Corporeidade: temas contemporâneos**. 1ed.Rio de Janeiro: Rio de Janeiro, 2015, v. , p. 41-61.

FRANÇA, Alexandre Nabor Mathias. Desafios e Propostas para Instigação do potencial na Escola. In: **Conversa com os Pesquisadores II Semana de Extensão**, 2004, Niterói. Revista Científica das Faculdades Maria Thereza. Rio de Janeiro: Famath, 2004. v. 4. p. 120-121.

FRANÇA, Alexandre Nabor Mathias; SILVA, Sérgio Luiz Baptista. Manifesto contra-os-normativos nas políticas públicas LGBT. **Anais 3º Seminário Internacional Desfazendo Gênero**: com a diferença tecer a resistência. Campina Grande: Paraíba, 2017.

KORT-KAMP, B. B.; INSFRÁN, F. F. N.; AZEVEDO, A. B. **Ativismo Feminista e Grupos de Apoio: Empoderar para não Medicalizar!**. In: IV Seminário Internacional 'A Educação Medicalizada: Desver o Mundo, Perturbar os Sentidos, 2015, Salvador-BA. IV Seminário Internacional, 2015.

PINHEIRO, Anna Marina Madureira de Pinho Barbará. Gisálcio Cerqueira Filho e a teoria política analítica. In: Gizlene Neder, Flávia Beatriz Ferreira de Nazareth. (Org.). **'Questão religiosa', poder e secularização: homenagem a Gisálcio Cerqueira Filho (53 anos de magistério)**.1ed.Niterói: EDPPGH, 2016, v. 1, p. 2-301.

PINHEIRO, Anna Marina Madureira de Pinho Barbará. Gênero e Feminismos no Brasil do regime militar: estudo do tema do trabalho feminino na revista Realidade. In: SILVA, Ana Paula Barcelos Ribeiro da; PINTO, Jefferson de Almeida. (Org.). **Poder e Política: Pensando a Tolerância e a Cidadania**. 1ed.Niterói: PPGHISTÓRIA-UFF, 2013, v. , p. 162-171.

PINHEIRO, Anna Marina Madureira de Pinho Barbará. Rose Marie Muraro: pensamento, subjetividade e ação. In: XXVII - **Simpósio Nacional de História - Lugares dos Historiadores**: velhos e novos desafios, 2015, Florianópolis.

XXVIII- Simpósio Nacional de História Lugares dos Historiadores: velhos e novos desafios, 2015.

REIS, CLÁUDIA; OLIVEIRA, L. A.; Cláudia Miranda; Luciana Oliveira Dar-se ao encontro: diálogos entre linguagem e matemática na formação docente do Pacto In: **Educação em movimento: Artigos e relatos de experiências do Pacto Nacional para a Alfabetização na Idade Certa no Rio de Janeiro em 2014**.1 ed.RIO DE JANEIRO : UFRJ, 2015, v.1, p. 122-136.

_____.et al. Borrando fronteiras - uma visão ampliada entre sexualidades e escolas In: **Espaço, gênero e poder - conectando fronteiras**, 2011, v.1, p. 9-263.

_____.et al A década perdida na Era do Conhecimento e a Herança do século XX - a finalidade da educação no terceiro milênio In: **Trajetórias históricas da educação**.1 ed.Rio de Janeiro : Rovel, 2009, v.1, p. 65-82.

SANTOS, Diego S et al. As "chaves do armário" para os homens homossexuais: a construção da identidade gay e o contexto da luta por cidadania em três gerações **REVISTA DO CFCH • UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO** – Edição Especial JICTAC 2014, 2015, Rio de Janeiro.

SANTOS, D. S.; Lamarca, D. **A anatomia não é o destino: Psicanálise, Gênero e Sexualidade**. Monografia. Rio de Janeiro - RJ: Departamento de Psicologia - UVA, 2016. (Outra produção bibliográfica)

SILVA, Sérgio Luiz B. Sexualidade na escola quem quer e pode falar sobre isso? In: FERREIRA, A.J.; JOVINO, I. S. e SALEH, P.B.O. (Org). **Um Olhar interdisciplinar acerca de identidades sociais, raça, gênero e sexualidade**. Campinas: Ed. Pontes, 2014. p. 63-81.

SOUZA, M.S.M.; PRAÇA; A.V.S. **Mapa Conceitual Dinâmico: Uma Nova Adaptação Pedagógica na Formação de Professores de Nível Médio**. ANAIS DO 6º ENCONTRO NACIONAL DE APRENDIZAGEM SIGNIFICATIVA 2016

SOUZA, M.S.M.; La Rocque, L. **Conhecimentos Gerais de Biociências: Os Saberes de Alunos do Ensino Médio de um Colégio de Formação de Professores**. ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO EM CIÊNCIAS. ATAS DO V ENPEC - Nº 5. 2005 - ISSN 1809-5100

_____. v. 1, n. 1 (2015): Anais do III Encontro de Pesquisa em Ensino de Ciências e Matemática: questões atuais - Resumos Expandidos. **MAPA CONCEITUAL DINÂMICO NO CONTEXTO ENSINO-APRENDIZAGEM DE BIOCIÊNCIAS NA FORMAÇÃO DE PROFESSORES DE NÍVEL MÉDIO**.

_____.Formação, orientação de pessoas que ensinam na educação de jovens e adultos (EJA): falando das relações de gênero e sexualidade na escola. In: FERREIRA, A. J.; JOVINO, I.S. E SALEH, P.B.O. (Org.) **Educação de Jovens e Adultos em debate**. São Paulo: paco Editorial, 2017. p. 245-264.

_____. Uso e elaboração de material didático no PIBID-FRANCÊS - UFRJ: abordando raça, gênero e sexualidades. **Anais Desfazendo Gênero**. Campina Grande, 2017.

VIEIRA, José Jairo et al A origem do plano nacional de educa??o e como ele abordou as questões de gênero. **Política e gestão educacional (online)**, v. 21, p. 64-80, 2017.

VIEIRA, José Jairo; LOPES, I. P. ;VIEIRA, A. L. C. . Políticas públicas em educação: a escola de educação infantil da UFRJ frente à resolução nº 1 do CNE/MEC. **Política e gestão educacional (online)**, v. 20, p. 223-236, 2016.

VIEIRA, José Jairo; MORAES, M. P. ;VIEIRA, A. L. C. . Avaliação e Políticas Públicas em Educação: Fatores determinantes na qualidade e formação de profissionais. **Política e Gestão Educacional (Online)**, v. 16, p. 04-19, 2014.

VI. Coordenação

1) Projeto Negritude – Escola de Aplicação da USP – 2004-2006

Função: Idealizador e Coordenador Geral.

Ações: 1. Implementação da Lei 10639/2003. 2. Ensino de Africanidades na Educação Básica (nos três segmentos) na Escola de Aplicação da Universidade de São Paulo.

Descrição: O Projeto Negritude tem por objetivo mostrar uma imagem positiva do negro no mundo, analisando os aspectos sociais, econômicos e políticos dos países dos blocos lusófonos, francófonos e anglófonos.

Situação: Concluído (Escola de Aplicação da Universidade de São Paulo).

Natureza: Educação Regular.

Alunas/os Envolvidas/os: Educação Básica: 1000.

2) Processo de Formação Docente e Discente no Ensino /Aprendizagem do FLE (Francês Língua Estrangeira) na Escola Pública EMTAJ da Ilha do Fundão -2011-2015.

Função: Coordenador.

Ações: 1. Oficinas de Francês para alunos Moradores do complexo da Maré. 2. Discutir os aspectos interculturais no Ensino de LE. 3. Formação de futuras/os docentes na área.

Descrição: Promover o ensino/aprendizagem de Língua Estrangeira, em especial, o FLE (Francês Língua Estrangeira) no Ensino Público do Estado do Rio de Janeiro e avaliar a formação tanto docente quanto discente em variadas instâncias durante o processo de formação dos futuros professores (estagiários da Licenciatura) e de aprendizagem e aquisição do FLE por parte dos alunos do Ensino Fundamental.

Situação: Concluído.

Natureza: Extensão.

Alunas/os Envolvidas/os: Graduação: 40.

3) PIBID-LETRAS-FRANCÊS-UFRJ - 2014 - Atual

Função: Coordenador do Subprojeto.

Ações: 1. Incentivar a formação de docentes em nível superior para a educação básica. 2. Contribuir para a valorização do magistério. 3. Elevar a qualidade da formação inicial de professores nos cursos de licenciatura, promovendo a integração entre educação superior e educação básica. 4. Inserir os licenciandos no cotidiano de escolas da rede pública de educação, proporcionando-lhes oportunidades de criação e participação em experiências metodológicas, tecnológicas e práticas docentes de caráter inovador e interdisciplinar que busquem a superação de problemas identificados no processo de ensino/aprendizagem.

Descrição: Programa de Institucional de Bolsas de Iniciação à docência da CAPES.

Situação: em andamento.

Natureza: Outra.

Alunas/os Envolvidas/os: Graduação: 5.

4) PRODOCÊNCIA – 2014 - 2016

Função: Coordenador do Programa da Licenciatura Francês da UFRJ.

Ações: 1. Oficinas de Francês para alunos Moradores do complexo da Maré. 2. Discutir os aspectos interculturais no Ensino de LE. 3. Formação de futuras/os docentes na área.

Descrição: O Programa de Consolidação das Licenciaturas (Prodocência) visa ampliar a qualidade das ações voltadas à formação de professores, com prioridade para a formação inicial desenvolvida nos cursos de licenciaturas das instituições federais e estaduais de educação superior. Criado em 2006, o Prodocência financia projetos voltados para a formação e o exercício profissional dos futuros docentes, além de implementar ações definidas nas diretrizes curriculares da formação de professores para a educação básica.

Situação: Concluído.

Natureza: Outra.

Alunas/os Envolvidas/os: Graduação: 30.

5) Políticas Públicas, Movimentos sociais e Identidade Social: discutindo raça e gênero - 2017 - Atual

Função: Vice-coordenador.

Ações: Curso de extensão para profissionais de áreas diversas interessados no tema: professores, profissionais da saúde, jornalistas, cientistas sociais, etc.

Descrição: Curso de extensão relacionado aos temas de corporeidade, relações raciais e relações de gênero, especificamente aos de movimentos sociais, desigualdades e diversidades.

Situação: Em andamento.

Natureza: Extensão.

Alunas/os Envolvidas/os: Mestrado Acadêmico: 10; Doutorado: 5.

6) Gênero e Sexualidades nas Escolas

Função: Vice-coordenação.

Ações: 1. Garantir aos adolescentes e jovens regularmente matriculados espaços de reflexão acerca de temas considerados polêmicos, tais como a sexualidade e a diversidade sexual, construção social dos gêneros, **homossexualidade**, relacionamentos abusivos, gravidez precoce não desejada, aborto, uso abusivo de álcool, tabaco e outras drogas.

Descrição: Planejar e implementar, a partir de metodologias participativas e da educação entre pares, ações de intervenção junto à adolescentes e jovens regularmente matriculados em escolas da rede estadual de ensino costuradas pela temática da cidadania e sensibilização continuada com objetivo de

ampliar e multiplicar o debate de assuntos relativos aos gêneros e às sexualidades na perspectiva da promoção da saúde, direitos e qualidade de vida dos mesmos.

Situação: Em andamento.

Natureza: Extensão.

Alunas/os Envolvidas/os: Educação Básica: 60. Graduação: 10.

VII. Estrutura operacional e modelo de gestão da equipe

Este projeto de pesquisa pretende envolver profissionais da área de educação básica, estudantes de licenciaturas e estudantes de educação em nível médio, na construção de materiais didáticos e estratégias pedagógicas, que garantam a abordagem significativa da diversidade em seus currículos. A atuação principal ocorrerá nos campos do gênero e da sexualidade, tangenciando interdisciplinarmente as áreas de linguagem, das ciências humanas e das ciências da natureza.

Nesse sentido, Laboratório de Pesquisa em Movimentos Sociais, Desigualdades e Diversidade de Corpo, Raça e Gênero – LADECORGEN –tendo como colaborador o Laboratório de Estudos de Gênero – LEG –, ambos ancorados na Universidade Federal do Rio de Janeiro propõem a criação de oficinas presenciais, com o público já estimado, objetivando estimular discussões sobre as práticas docentes realizadas e as silenciadas no campo do gênero e da sexualidade, assim como a produção de material didático voltado para a Educação Básica nesse campo.

O projeto de pesquisa será desenvolvido dentro da Universidade, nas dependências do Campus, da Praia Vermelha, onde se encontra o PPDH.

Da Equipe:

A equipe de pesquisadoras e pesquisadores está compreendida em dois blocos:

Grupo A

1. Professoras/es do PPDH;
2. Alunas/os do PPDH e de outros Programas de Pós Graduação de IES nacionais;
3. Professoras/es do Colégio Pedro II;
4. Professor do CE Júlia Kubitschek;
5. Alunas/os da graduação da UFRJ;
6. Pesquisadoras/es independentes na Temática; e
7. Ativistas.

Grupo B

1. Professoras/es da Rede Pública de Ensino do Estado do Rio de Janeiro;
2. Alunas/os da Prática de Ensino dos cursos de Licenciatura da UFRJ (em andamento/concluída); e
3. Alunas/os de Escola Normais fazendo o estágio obrigatório;

O grupo **A** consta de 26 pesquisadoras/es. Está previsto 24 pesquisadoras/es do grupo **B**, totalizando 60 participantes em todo o projeto.

Os Grupos se subdividem por área de conhecimentos, conforme as resoluções 7 e 2 das Diretrizes

Curriculares Nacionais (DCNs) de 2010; para o Ensino Fundamental e 2012; para o Ensino Médio, respectivamente.

As áreas contempladas no projeto são:

1. Educação Infantil;
2. Linguagens;
3. Ciências Humanas; e
4. Ciências da natureza;

Observação1: Por não haver pesquisadores do grupo **A**, especialistas em matemática, não propusemos pesquisas específicas nessa área. No entanto, se algum membro do grupo **B**, for da área da matemática, ele poderá escolher umas das áreas que lhe melhor convir para fazer parte da pesquisa. Serão selecionados cinco professoras/es da rede por área de conhecimento; dois alunas/os de graduação e dois alunas/os da Escola, perfazendo um total de 24 pesquisadoras/es do Grupo **B**.

Observação2: As/Os pesquisadoras/es alunas/os poderão escolher a área de conhecimento que lhe melhor se apropriar na sua área de pesquisa e/ou trabalho.

Sobre a dinâmica de trabalho:

O projeto de pesquisa será executado pelo grupo (**A e B**) citado acima. Estão previstas reuniões regulares quinzenais distribuídas da seguinte forma:

1ª. Semana do mês: Reunião em equipes separadas por área de conhecimento; e

3ª. Semana do mês: Reunião com a equipe geral do projeto de pesquisa.

Nas reuniões de área, serão discutidas e estudadas as especificidades de cada área e as proposições de elaboração de material didático concernente às disciplinas pertencentes à área.

Nas reuniões gerais, o momento será de compartilhamento das experiências de cada área, discussões, leituras, estudos e aprofundamento de conhecimentos em torno do tema da pesquisa; com proposição de aulas expositivas, estudos dirigidos, palestras, rodas de conversa, debates, etc.

Como dito, anteriormente, trata-se de uma pesquisa-ação e esperamos que seus resultados sejam frutos do diálogo horizontal entre pesquisadoras e pesquisadores do grupo A, oriundas/os da Academia e de pesquisadoras e pesquisadores do grupo B, oriundas/os do universo da Escola de Educação Básica.

Observação: A divulgação para adesão do grupo **B** ao projeto será feita junto às Secretarias Municipais e Estadual de Educação do Estado do Rio de Janeiro.

VIII. Modalidades e quantidades de bolsas total do projeto

Modalidade	Nº bolsas	Quantidade de mensalidades	Valor Total (R\$)
Iniciação Científica	2	24	19.200,00
Mestrado	4	24	144.000,00
Estágio Pós-Doutoral	0	0	0

IX. Plano de Trabalho dos Bolsistas a serem selecionados para o Projeto

Plano de Trabalho de Bolsistas de Iniciação Científica (IC):

Os bolsistas de Iniciação Científica (IC) serão escolhidos entre as/os alunas/os dos Cursos de Licenciatura da UFRJ e deverão estar cursando a disciplina Prática de Ensino mediante entrevista com a equipe de coordenação do projeto de pesquisa em questão.

As/os dois bolsistas terão carga horária de 20 horas semanais dedicadas ao projeto. A principal função das/os alunas/os bolsistas é colaborar no planejamento, desenvolvimento e avaliação de atividades do projeto.

São as seguintes as atividades previstas:

- Participação quinzenal de reuniões de planejamento e avaliação de atividades pedagógicas do projeto;
- Realizar pesquisa IC com temática ligada ao projeto em questão;
- Ter frequência mínima de 75% das atividades realizadas em grupo;
- Participar da Jornada de Iniciação Científica Semana de Integração Acadêmica (SIAC) da UFRJ com apresentação de trabalho da pesquisa realizada parcial e/ou integralmente;
- Publicar, no intervalo de dois anos, pelo menos, um artigo em anais, periódicos ou capítulo de livros como autor e/ou coautor;
- Participar das oficinas de elaboração de material didático;
- Auxiliar na organização das palestras, aulas expositivas, rodas de conversa realizadas dentro do projeto;
- Ser orientada/o por algum membro da equipe do projeto;
- Participar das leituras e discussões dos referenciais teóricos propostos pela coordenação;
- Ajudar na organização e elaboração de cartilha, apostilas e livros previstos no projeto;
- Auxiliar os coordenadores de equipe na organização e execução de oficinas previstas no projeto; e
- Organizar o evento científico previsto no projeto.

Plano de Trabalho de Bolsistas do Mestrado:

Os bolsistas de Mestrado serão escolhidos, preferencialmente, entre as/os alunas/os inscritas/os no Programa de Pós-graduação em Políticas Públicas em Direitos Humanos (PPDH) e deverão ser orientandas/os de algum membro da equipe do projeto. A seleção será feita mediante entrevista com a equipe de coordenação do projeto de pesquisa em questão.

As/os dois bolsistas terão carga horária de 20 horas semanais dedicadas ao projeto. A principal função das/os alunas/os bolsistas é colaborar no planejamento, desenvolvimento e avaliação de atividades do projeto.

São as seguintes as atividades previstas:

- Participação quinzenal de reuniões de planejamento e avaliação de atividades pedagógicas do projeto;

- Realizar o estágio docência com algum/a professor/a do projeto.
- Realizar dissertação de mestrado com temática ligada ao projeto em questão;
- Ter frequência mínima de 75% das atividades realizadas em grupo;
- Participar da Jornada de Iniciação Científica Semana de Integração Acadêmica (SIAC) da UFRJ com apresentação de trabalho da pesquisa realizada parcial e/ou integralmente;
- Publicar anualmente, pelo menos, um artigo em anais, periódicos ou capítulo de livros como autor e/ou coautor;
- Participar das oficinas de elaboração de material didático;
- Auxiliar na organização e condução das palestras, aulas expositivas, rodas de conversa realizadas dentro do projeto;
- Propor aulas, palestras, aulas expositivas e rodas de conversa nas oficinas previstas no projeto;
- Participar das leituras e discussões dos referenciais teóricos propostos pela coordenação;
- Coordenar grupos de estudos, quando necessário, sobre temas ligados ao projeto;
- Ajudar na organização e elaboração de cartilha, apostilas e livro previstos no projeto.
- Ser autor ou coautor de um dos capítulos do livro previsto no projeto;
- Auxiliar os coordenadores de equipe na organização e execução de oficinas previstas no projeto; e
- Organizar o evento científico previsto no projeto.

X. Cronograma e Gestão do Projeto

Objetivos Específicos do Projeto	Atividades	Tempo (trimestral)														
		2018.1			2018.2			2019.1			2019.2			2020.1		
1. Ler, estudar e discutir textos ligados à área temática, pensando na formação das/os professoras/es que farão parte da equipe.	1.1 Aulas expositivas	x	x	x	x	x	x									
	1.2 Palestras	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x					
	1.3 Rodas de conversa		x	x	x	x	x	x	x	x	x	x				
	1.4 Debates	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x			
2. Elaborar materiais didáticos e estratégias pedagógicas por áreas de conhecimento e, quando possível, verificar e analisar o seu uso em sala de aula.	2.1 Reuniões nas equipes Temáticas	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x				
	2.2 Reuniões Gerais	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x
	2.3. Oficinas de elaboração de materiais didáticos	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x			
3. Realizar estratégias pedagógicas sobre o uso dos materiais didáticos elaborados pela equipe.	3.1 Organização de materiais	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x				
	3.2 Elaboração de apostilas (contendo os materiais e as estratégias pedagógicas de uso)	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	
	3.3 Uso de materiais quando possível	x	x	x	x	x	x	x	x	x						

[illegible]

XI. Descreva a contrapartida da Instituição de Ensino Superior participante do Projeto (disponibilidade efetiva de infraestrutura para a execução do projeto e apoio técnico).

No âmbito do Programa de Pós-Graduação em Políticas Públicas e do Núcleo de Estudos de Políticas Públicas em Direitos Humanos apresentamos como contrapartida a disponibilidade de infraestrutura, como sala para realização de reuniões, salas para trabalho da equipe, espaço de convivência. Também estarão disponíveis computadores e impressoras. Mobilizaremos a estrutura de nossa secretaria e parte da equipe de servidores para dar suporte operacional ao projeto na realização de atividades e eventos. Por fim, daremos suporte e disponibilizaremos o sítio da unidade e do programa de pós-graduação para o que for necessário.

XII. Explícite o comprometimento da Instituição de Ensino Superior participante do Projeto com a continuidade e fortalecimento do ensino e pesquisa na área, mesmo depois de encerrada a execução do processo.

O referido projeto irá se desdobrar em atividades de ensino, tais como a oferta de disciplinas (de graduação e pós-graduação). Entendemos que o desenvolvimento do projeto consolidará uma temática já em curso na pós-graduação e que se desdobrará em eventos e cursos de extensão.

XIII. Indicadores de Produtividade Esperados

Produtividade Esperada		Quantidade por ano			Total
		2018	2019	2020	
1. Publicações	1.1 Livros			1	1
	1.2 Artigos em Revistas/Periódicos Internacionais		1		1
	1.3 Artigos em Revistas/Periódicos Nacionais	1	1		2
2. Participações em Eventos Científicos	2.1 Artigos publicados em Anais de eventos científicos internacionais		1		1
	2.2 Artigos publicados em Anais de eventos científicos nacionais	3	3		6
	2.3 Painéis em Eventos Científicos Internacionais ou Nacionais	2	2		4
3. Organização de Seminários e Conferências	3.1 Eventos Internacionais			1	1
	3.2 Eventos Nacionais	2	2		
	3.3 Eventos Regionais			1	1
	3.4 Eventos da Rede		1		
4. Formação avançada (Considere tanto as bolsas solicitadas neste projeto quanto aqueles pesquisadores que poderão participar da equipe e que não terão bolsa atribuída por esta chamada/projeto)	4.1 Projetos de Pós-Doutorado			1	1
	4.2 Tese de Doutorado			1	1
	4.3 Dissertação de Mestrado		3	4	7
	4.4 Projetos de Iniciação Científica	2	2	2	6
	4.5 Pesquisador/Professor Visitante				0
5. Modelos/Protótipos/Software	5.1 Modelos				
	5.2 Protótipo				
	5.3 Softwares			1	
6. Patentes	6.1 Patentes				
7. Relatórios	7.1 Relatórios de transferência de tecnologia				
8. Cartilhas	8.1 Cartilhas			1	1
9. Outros	9.1 Apostilas	1	1		2
XIV - Plano de divulgação e de implementação dos resultados					
<ul style="list-style-type: none"> • Publicar os resultados parciais e total da pesquisa em periódicos, revistas acadêmicas e anais de congressos; • Divulgar e disponibilizar os materiais didáticos realizados nas Secretarias Municipais e Estadual de Educação do Rio de Janeiro; • Realizar cursos de extensão sobre elaboração e uso de materiais didáticos para diversidade; 					

- Promover oficinas de elaboração de materiais didáticos para diversidade para professores da rede pública.

XV. Perfil dos demais membros das equipes participantes:

1. Nome: Sergio Luiz Baptista da Silva

- a) Titulação: Doutor.
- b) IES: UFRJ.
- c) Tipo de vínculo na IES: Professor adjunto.
- d) Linha(s) de pesquisa(s)/projeto(s) a que se vinculam e/ou vincularão: relações raciais e relações de gênero na educação, gênero e sexualidades na área dos direitos humanos, políticas públicas, movimentos sociais, cidadania, didática e prática de ensino de francês/português, metodologia de ensino, ensino de línguas materna e estrangeiras e formação de professoras/es.
- e) Tipo de atuação no projeto: Coordenador Geral.
- f) Link do Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0028737125113983>

2. Nome: José Jairo Vieira

- a) Titulação: Doutor.
- b) IES: UFRJ.
- c) Tipo de vínculo na IES: Professor associado.
- d) Linha(s) de pesquisa(s)/projeto(s) a que se vinculam e/ou vincularão: políticas de acesso e permanência no ensino superior; movimentos sociais, sociologia do esporte; corpo, educação e sociedade; desigualdade e discriminação de gênero e raça, esporte, sociedade e educação; corpo, gênero e educação; racismo e esporte; estudos econômicos, educacionais, sociais, históricos e estatísticos das relações raciais, temas em EaD.
- e) Tipo de atuação no projeto: Coordenador da área de Linguagens.
- f) Link do Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7504208613924588>

3. Nome: Anna Marina Barabá Pinheiro

- a) Titulação: Doutora.
- b) IES: UFRJ.
- c) Tipo de vínculo na IES: Professora adjunta.
- d) Linha(s) de pesquisa(s)/projeto(s) a que se vinculam e/ou vincularão: gênero, sexualidade e feminismos.
- e) Tipo de atuação no projeto: Coordenadora da área de Ciências Humanas.
- f) Link do Currículo Lattes: - <http://lattes.cnpq.br/0043609995496239>

4. Nome: Vantuil Pereira

- a) Titulação: Doutor
- b) IES: UFRJ.
- c) Tipo de vínculo na IES: Professor adjunto e coordenador.
- d) Linha(s) de pesquisa(s)/projeto(s) a que se vinculam e/ou vincularão: cidadania, direitos humanos, questões étnico-raciais, quilombos, movimentos sociais, cultura subalterna, identidade e estado, escravidão, política externa e poder no brasil do século xix e memórias e lutas sociais contemporâneas.
- e) Tipo de atuação no projeto: Pesquisador.
- f) Link do Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3172936591130567>

5. Nome: Andréa Lopes da Costa Vieira

- a) Titulação: Doutora.
- b) IES: UNIRIO.
- c) Tipo de vínculo na IES: Professora associada.
- d) Linha(s) de pesquisa(s)/projeto(s) a que se vinculam e/ou vincularão: ações afirmativas, acesso e permanência no ensino superior, políticas sociais, desigualdades sociais, relações raciais e relações de gênero.
- e) Tipo de atuação no projeto: Membro.
- f) Link do Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4453051972658627>

6. Nome: Robson Miguel Pires

- a) Titulação: Doutorando.
- b) IES: UERJ.
- c) Tipo de vínculo na IES: Estudante.
- d) Linha(s) de pesquisa(s)/projeto(s) a que se vinculam e/ou vincularão: identidade de gênero, sexualidade, homofobia e comunidade LGBT em livros didáticos, assim como o ensino dessas categorias sexuais em escolas brasileiras.
- e) Tipo de atuação no projeto: Membro.
- f) Link do Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6194757724958130>

7. Nome: Cláudia Reis dos Santos

- a) Titulação: Mestre.
- b) IES: UFRJ.
- c) Tipo de vínculo na IES: Pesquisadora.

- d) Linha(s) de pesquisa(s)/projeto(s) a que se vinculam e/ou vincularão: alfabetização, formação de professores, gênero e sexualidade, educação especial e gestão de pessoas
- e) Tipo de atuação no projeto: Coordenadora da área de Educação Infantil.
- f) Link do Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5116977666630443>

8. Nome: Leonardo Morjan Britto Peçanha

- a) Titulação: Mestre.
- b) IES: UERJ.
- c) Tipo de vínculo na IES: Pesquisador.
- d) Linha(s) de pesquisa(s)/projeto(s) a que se vinculam e/ou vincularão: transgeneridade, sexualidade, gênero e violência.
- e) Tipo de atuação no projeto: Membro.
- f) Link do Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1316137396749666>

9. Nome: Joice Farias Daniel

- a) Titulação: Mestre.
- b) IES: UFF.
- c) Tipo de vínculo na IES: Pesquisador.
- d) Linha(s) de pesquisa(s)/projeto(s) a que se vinculam e/ou vincularão: multiculturalismo, preconceito, escola, homossexualidade, memória, identidade e ensino de história.
- e) Tipo de atuação no projeto: Membro.
- f) Link do Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5634541925494667>

10. Nome: Alexandre Nabor Mathias França

- a) Titulação: Mestrando.
- b) IES: UFRJ.
- c) Tipo de vínculo na IES: Estudante.
- d) Linha(s) de pesquisa(s)/projeto(s) a que se vinculam e/ou vincularão: direitos humanos, políticas públicas, movimento sociais e institucionalizados, sexualidade, gênero, identidade e expressão de gênero e psicologia.
- e) Tipo de atuação no projeto: Membro.
- f) Link do Currículo Lattes: - <http://lattes.cnpq.br/5646923135889290>

11. Nome: Diego da Silva Santos

- a) Titulação: Mestrando.
- b) IES: UFRJ.

- c) Tipo de vínculo na IES: Estudante.
- d) Linha(s) de pesquisa(s)/projeto(s) a que se vinculam e/ou vincularão: cisgeneridade, políticas públicas, direitos humanos, transgeneridade.
- e) Tipo de atuação no projeto: Membro.
- f) Link do Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0687530960304366>

12. Nome: Hannah Lima Alcantara de Vasconcellos

- a) Titulação: Mestranda.
- b) IES: UFRJ.
- c) Tipo de vínculo na IES: Estudante.
- d) Linha(s) de pesquisa(s)/projeto(s) a que se vinculam e/ou vincularão: feminismos negros, liderança comunitária, subjetividades e políticas públicas.
- e) Tipo de atuação no projeto: Membro.
- f) Link do Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1042834818527625>

13. Nome: Henrique Rabello de Carvalho

- a) Titulação: Mestrando.
- b) IES: UFRJ.
- c) Tipo de vínculo na IES: Estudante.
- d) Linha(s) de pesquisa(s)/projeto(s) a que se vinculam e/ou vincularão: direito internacional, direitos humanos, filosofia do direito, políticas públicas, jurisdição constitucional, diversidade sexual e movimentos sociais, direito constitucional e democracia.
- e) Tipo de atuação no projeto: membro.
- f) Link do Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7207459286806286>

14. Nome: Mariane Pereira Rodrigues

- a) Titulação: Mestranda.
- b) IES: UFRJ.
- c) Tipo de vínculo na IES: Estudante.
- d) Linha(s) de pesquisa(s)/projeto(s) a que se vinculam e/ou vincularão: serviço social, direitos humanos e trabalho.
- e) Tipo de atuação no projeto: Membro.
- f) Link do Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8535054643837339>

15. Nome: Mário Sérgio Monteiro de Souza

- a) Titulação: Mestrando.

- b) IES: UNIGRANRIO.
- c) Tipo de vínculo na IES: Estudante.
- d) Linha(s) de pesquisa(s)/projeto(s) a que se vinculam e/ou vincularão: formação de professores e educação de jovens e adultos e de educação sexual, de gênero e saúde reprodutiva de adolescentes e currículo de ciências.
- e) Tipo de atuação no projeto: Membro.
- f) Link do Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3515368636403380>

16. Nome: Beatriz Brasil Kort-Kamp

- a) Titulação: Especialista.
- b) IES: Cândido Mendes.
- c) Tipo de vínculo na IES: Estudante.
- d) Linha(s) de pesquisa(s)/projeto(s) a que se vinculam e/ou vincularão: gênero, educação para a diversidade e políticas públicas.
- e) Tipo de atuação no projeto: membro.
- f) Link do Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4823678394428710>

17. Nome: Carlos Souza Santa Brigida

- a) Titulação: Graduado.
- b) IES: UFRJ.
- c) Tipo de vínculo na IES: Pesquisador.
- d) Linha(s) de pesquisa(s)/projeto(s) a que se vinculam e/ou vincularão: educação infantil, pedagogia, gênero e práticas educacionais com perspectiva de gênero.
- e) Tipo de atuação no Projeto: Membro.
- f) Link do Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9423577203399946>

18. Nome: Carolina Ferreira Mattos

- a) Titulação: Graduada.
- b) IES: UFRJ.
- c) Tipo de vínculo na IES: Pesquisadora.
- d) Linha(s) de pesquisa(s)/projeto(s) a que se vinculam e/ou vincularão: educação ambiental e educação e gênero e sexualidade.
- e) Tipo de atuação no projeto: Membro.
- f) Link do Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6103075450764930>

19. Nome: Elizabeth Mendonça Dau

- a) Titulação: Graduada.
- b) IES: Conservatório Brasileiro de Música Centro Universitário.
- c) Tipo de vínculo na IES: Pesquisadora.
- d) Linha(s) de pesquisa(s)/projeto(s) a que se vinculam e/ou vincularão: música, canto e liberdade.
- e) Tipo de atuação no projeto: Membro.
- f) Link do Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6323405676849272>

20. Nome: Maíra Santos e Silva

- a) Titulação: Graduada.
- b) IES: UFRJ.
- c) Tipo de vínculo na IES: Pesquisadora.
- d) Linha(s) de pesquisa(s)/projeto(s) a que se vinculam e/ou vincularão: ensino de línguas estrangeiras.
- e) Tipo de atuação no projeto: Membro.
- f) Link do Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8866471003387995>

21. Nome: Roberto Gomes dos Santos

- a) Titulação: Graduado.
- b) IES: UFRRJ.
- c) Tipo de vínculo na IES: Pesquisador.
- d) Linha(s) de pesquisa(s)/projeto(s) a que se vinculam e/ou vincularão: educação do campo, autogestão, trabalho, gênero e diversidade na escola.
- e) Tipo de atuação no projeto: Membro.
- f) Link do Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5389108304559442>

22. Nome: Sara Wagner Pimenta Gonçalves Júnior

- a) Titulação: Graduada.
- b) IES: UFRJ.
- c) Tipo de vínculo na IES: Pesquisadora.
- d) Linha(s) de pesquisa(s)/projeto(s) a que se vinculam e/ou vincularão: inclusão trans e educação, diversidade, gênero e sexualidades na educação.
- e) Tipo de atuação no projeto: Membro.
- f) Link do Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9084306265158131>

23. Nome: Wescla Vasconcelos Braga

- a) Titulação: Graduada.

- b) IES: UFRJ.
- c) Tipo de vínculo na IES: Pesquisadora.
- d) Linha(s) de pesquisa(s)/projeto(s) a que se vinculam e/ou vincularão: direitos humanos de lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais e educação popular de preparação para o vestibular e Enem.
- e) Tipo de atuação no projeto: Membro.
- f) Link do Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8021963223634799>

24. Nome: Caroline Gonçalves Birrer

- a) Titulação: Graduanda.
- b) IES: UFRJ.
- c) Tipo de vínculo na IES: Estudante.
- d) Linha(s) de pesquisa(s)/projeto(s) a que se vinculam e/ou vincularão: biologia geral.
- e) Tipo de atuação no projeto: Membro.
- f) Link do Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6771761663174844>

25. Nome: Isabela Fagundes Costa

- a) Titulação: Graduanda.
- b) IES: UFRJ.
- c) Tipo de vínculo na IES: Estudante.
- d) Linha(s) de pesquisa(s)/projeto(s) a que se vinculam e/ou vincularão: pedagogia e educação.
- e) Tipo de atuação no projeto: Membro.
- f) Link do Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6257905974121035>

26. Nome: Thaís Borges Fonseca Medeiros

- a) Titulação: Graduanda.
- b) IES: UFRJ.
- c) Tipo de vínculo na IES: Estudante.
- d) Linha(s) de pesquisa(s)/projeto(s) a que se vinculam e/ou vincularão: literatura brasileira.
- e) Tipo de atuação no projeto: membro.
- f) Link do Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8709173320629272>

XVI. Competência, experiência e adequação da equipe de pesquisadores em relação aos objetivos e metas da proposta e em relação à capacidade de formação de recursos humanos com perfil adequado aos desafios da Chamada

A equipe deste projeto é composta por sujeitos de áreas diversas de conhecimento: Pedagogia, Letras (Português, Literaturas, Francês e Inglês), História, Educação Física, Biologia, Ciências Sociais, Arte, Psicologia,

Serviço social, Direitos Humanos e Políticas Públicas, todas/os ligados à área de Educação, seja por formação, seja pela pesquisa desenvolvida. Cabe destacar que muitas/os são professores e pesquisadores com título de doutor, doutorando, mestre, mestrando, especialista, graduado e pesquisadoras e pesquisadores de iniciação científica (IC). As experiências se diversificam nos seguintes segmentos de conhecimento: relações étnicas raciais, sexualidades, gênero, diversidade sexual, identidade e expressão de gênero. Esses temas foram desenvolvidos como principais atividades educacionais nas escolas públicas pelos grupos: disciplinas de graduação e pós-graduação ligadas ao tema da pesquisa, Grupo Diversidade na Escola (GDE); Cursos de Formação de Professores; Cursos de Extensão sobre Gênero e Sexualidade para educação infantil, fundamental e EJA, Grupo Papo Cabeça e no desenvolvimento de material didático educacional sobre homofobia nas escolas. Todas/os com comprovação em Currículo Lattes.

XVII. Observações / Comentários adicionais que julgue pertinente

Ao buscar a compreensão da inserção nos atos de currículo e planos que vão além dessa proposta, foram complementando este projeto pessoas cisgênero e transgêneros, membros de diferentes segmentos que perpassam a discussão da diversidade na escola e expansão nas mídias digitais, transfeminismo negro, militantes ativistas do movimento gay, Vira-Vida (Rocinha), sendo grupos de apoio da/na região periférica carioca, homem trans docente de Educação Física, mestre em educação, ativista e bloggerativista, mulheres trans membros da Casa Nem de Mesquita e Centro do Rio, ativista internacional membro do *SahirHouse* – UK, travesti, pai e avó além de professora de inglês e pedagoga na baixada litorânea fluminense, pesquisadora do trabalho doméstico com enfrentamento junto à questões de ensino de jovens e adultos (EJA) e integrantes de centros formadores para/da sexualidade na/da Escola de Educação Básica e Ensino Fundamental. Por ser interseccionado e múltiplo, esta estrutura “guarda-chuva” busca desenvolver um quadro analítico capaz de reforçar o potencial emancipatório das políticas de direitos humanos no contexto da globalização, da fragmentação cultural e das políticas de identidades, repensando a legitimidade micro na inserção macropolítica estabelecida.

XVIII. Principais referências bibliográficas

ALMEIDA, Kátia; et al. Análise da evolução da metodologia utilizada nos artigos publicados na revista: Contabilidade & Finanças – USP. São Paulo, **Contabilidade & Finanças – USP**, 2005.

BOURDIEU, Pierre. Um Saber Comprometido. Portugal: Lisboa, **Jornal Le Monde Diplomatique**, 2002, n.5, ano 3.

BRASIL. **Parâmetros curriculares nacionais**: pluralidade cultural, orientação sexual. Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1997. 164p.

DELORS, Jacques. **Educação: um tesouro a descobrir**. 2ed. São Paulo: Cortez, 2003.

DIVERSIDADE SEXUAL NA ESCOLA. Seminário Escola e Liberdade, 2016 - <http://diversidade.pr5.ufrj.br/><acesso em 16 de setembro de 2017>

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade I: A Vontade de Saber**. Rio de Janeiro: Graal, 1999.

GIL, Antônio Carlos. (1946). Como **elaborar projetos de pesquisa**. 4. Ed, São Paulo: Atlas, 2002.

_____. (1987). **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. São Paulo: Atlas, 2008.

HERRERA-FLORES, Joaquin. **(Re) invenção dos direitos humanos**. Florianópolis (SC): Fundação Boiteux; IDHID, 2009.

HOOKS, Bell. **Ensinando a transgredir: a educação como prática de liberdade**. São Paulo: Martins Fontes, 2013.

HUNT, Lynn. **A invenção dos direitos humanos: uma história**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

ILGA - **International Lesbian, Gay, Bisexual, Trans and Intersex Association**, 2013 - <http://ilga.org/pt-br/> <acesso em 16 de setembro de 2017>

IPEA. **Atlas da Violência 2017 mapeia os homicídios no Brasil, 2017** http://www.ipea.gov.br/portal/index.php?option=com_content&view=article&id=30253 <acesso em 16 de setembro de 2017>

LOURO, Guacira Louro. **Gênero, Sexualidade e Educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. Rio de Janeiro: Ed. Vozes, 2003.

_____. **Um corpo estranho: ensaios sobre sexualidade e teoria queer**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013.

_____. **Currículo, Gênero e Sexualidade**. Porto: Ed. Porto, 2000.

MARCONI, Mariana de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Técnicas de pesquisa: planejamento e execução de pesquisas, amostragens e técnicas de pesquisas, elaboração, análise e interpretação de dados**. 3.ed. São Paulo: Atlas, 1996.

SANTOS, Boaventura de Souza. **Introdução a uma Ciência Pós-moderna**. Rio de Janeiro: Graal, 1989.

SARAVIA, Enrique. **Introdução à teoria da política pública**. In: SARAVIA, Enrique; FERRAREZI, Elisabet (Orgs). **Políticas Públicas**. Brasília: ENAP, 2006, v. 1, p.21-42.

SCHAFF, Adam. **História e Verdade**. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

SEVERINO, Antonio Joaquim. (1941). **Metodologia do Trabalho Científico**. São Paulo: Cortez, 2007.

THIOLLENT, Michel (1947). **Metodologia da Pesquisa-Ação**. São Paulo: Cortez, 1986.

TRIPP, David. Pesquisa-ação: uma introdução metodológica. **Educação e Pesquisa**. São Paulo, v. 31, n. 3, p. 443-466, set./dez. 2005. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ep/v31n3/a09v31n3.pdf>>. Acesso em: 26 jul. 2015.